

**CURSO URGENTE
DE POLÍTICA PARA
GENTE DECENTE**



CONIRACORRENTE

JUAN CARLOS MONEDERO

CURSO URGENTE
DE POLÍTICA PARA
GENTE DECENTE

São Paulo

2019



CONIRACORRENTE

Copyright © JUAN CARLOS MONEDERO, 2013
© Editorial Planeta, S.A., 2013, 2014
© Seix Barral, un sello editorial de Editorial Planeta, S.A

EDITORA CONTRACORRENTE

Rua Dr. Cândido Espinheira, 560 | 3º andar
São Paulo – SP – Brasil | CEP 05004 000
www.editoracontracorrente.com.br
contato@editoracontracorrente.com.br

Editores

Camila Almeida Janela Valim
Gustavo Marinho de Carvalho
Rafael Valim

Conselho Editorial

Alysson Leandro Mascaro
(Universidade de São Paulo – SP)
Augusto Neves Dal Pozzo
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)
Daniel Wunder Hachem
(Universidade Federal do Paraná – UFPR)
Emerson Gabardo
(Universidade Federal do Paraná – UFPR)
Gilberto Bercovici
(Universidade de São Paulo – USP)
Heleno Taveira Torres
(Universidade de São Paulo – USP)
Jaime Rodríguez-Arana Muñoz
(Universidade de La Coruña – Espanha)
Pablo Ángel Gutiérrez Colantuono
(Universidade Nacional de Comahue – Argentina)
Pedro Serrano
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)
Silvio Luís Ferreira da Rocha
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)

Equipe editorial

Carolina Ressurreição (revisão)
Denise Dearo (design gráfico)
Mariela Santos Valim (capa)
Luiz Carlos da Rocha (Coordenador da tradução)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica elaborada pela Editora Contracorrente)

M742 MONEDERO, Juan Carlos.
Curso urgente de política para gente decente | Juan Carlos Monedero; tradução de
Luiz Carlos da Rocha - São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.
Título original: Curso urgente de política para gente decente.
ISBN: 978-85-69220-52-7
1. Política. 2. Democracia. 3. Democracia direta. 4. Movimento sociais. 5. Podemos
Espanha. I. Título.

CDU: 320

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Chico Buarque,
Construção

SUMÁRIO

O LIVRO QUE QUERIA SER UMA SUBVERSIVA CAIXA DE FERRAMENTAS 11

NOTÍCIAS DESESPERANÇOSAS DE P.
Desculpem o incômodo, mas a cidade veio abaixo 15

1

PANFLETO A PARTIR DO PAÍS DOS PERPLEXOS.
Razões para não entender nada ou para entender tudo 23

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA I.
Se você é tão decente, por que dá mais importância ao futebol que à justiça? 49

2

NÃO ERA VERDADE QUE FÔSSEMOS TÃO EGOÍSTAS 53

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA II.
Mais além da utopia e da memória: os gênios que moldam o nosso comportamento 69

3

AS PALAVRAS TÊM DONO OU DOS ÍNDIOS QUE BATIZARAM UM PORCO..... 75

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA III. Analfabetos nas mãos de Batman, James Bond, do Rei Leão e de algum morto-vivo.....	89
---	----

4

O QUE É A POLÍTICA? O QUE É A DEMOCRACIA?	97
---	----

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA IV. <i>Choni, be good</i> ou de fazer falar essa maioria silenciosa que sustenta aos governos	135
---	-----

5

A CARTELIZAÇÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS E A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	141
--	-----

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA V. O macaco dissidente que se negou contundentemente a abraçar o capitalismo e bateu a porta ao abandonar sua jaula.....	153
--	-----

6

O ESTADO PODE TUDO: ANTES LHE MATAVA, AGORA NÃO DEIXA VIVER	157
--	-----

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA VI. Matemática da raiva. Ponha-se na frente do espelho e recite em voz alta: “e um dia desses vamos fazer as contas...”	169
---	-----

7

VIVER EM SOCIEDADE: ROBINSON CRUSOÉ E A CIDADE QUE LEVAMOS POR DENTRO	171
--	-----

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA VII. Uma proposta indecente ou porque o medo tem que mudar de lado.	181
--	-----

8

DEMOCRACIAS DE TÃO BAIXA INTENSIDADE 187

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA VIII.

O tempo se acaba: água e terra para quando não possamos comer dinheiro..... 197

9

NÃO SABEMOS O QUE QUEREMOS, MAS SABEMOS O QUE NÃO QUEREMOS: O MOSAICO DA NOSSA DEMOCRACIA..... 201

TAREFA PARA PENSAR A DEMOCRACIA EM CASA IX (A ULTIMA)

Um copo de vinho ou de cerveja, os estatutos da mulher e do homem, fazer do que é comum algo de todos..... 223

NOTÍCIAS ESPERANÇOSAS DE P. GENTE DECENTE QUE SE COLOCOU EM MOVIMENTO..... 231

AGRADECIMENTOS, ALGUMAS FONTES E UM ESPELHO 233

O LIVRO QUE QUERIA SER UMA SUBVERSIVA CAIXA DE FERRAMENTAS

Se queremos que as ideias se tornem uma cidade, precisamos reinventar as palavras da política, reconstruir as entradas do centro histórico, comunicar entre si as grandes avenidas. Converter as palavras, com urgência, em baldes de água fria que caíam sobre nossas cabeças mornas; depois trocá-las por munição verbal para uma luta nada teórica. Não é igual escutar “democracia” e pensar “eu sou o povo, sou eu quem manda” do que interiorizar: “Vota e, daqui a quatro anos, falamos”. Há que agitar o discurso como quem lança um enxame de vespas dentro de um confessionário. Usando o modesto instrumental da ciência política, uma inquietante suspeita passa através das costuras do pensamento: já não é possível universalizar o sistema capitalista e, ao mesmo, viabilizar o funcionamento do Estado Social e Democrático de Direito. A democracia e o bem-estar de uns vão se converter na ditadura e a miséria de outros. Conseguimos imaginar a quem caberá ser feliz ou miserável, em um lado ou no outro? Já sabemos, então, onde está a gente decente. Um antídoto contra a tentação da inocência. Doses precisas de veneno contra a “soberba obstinação” dos resignados.

A economia de mercado está em toda parte, não precisa estar acompanhada de democracia. Não somente por culpa da China, que colhe sucessos econômicos ao lado de fracassos democráticos, mas também pelo comportamento de uma Europa que muda presidentes e Constituições, que descumpra promessas eleitorais ou o contrato social fundado na igualdade, se assim o sugere a inquestionável Verdade que expressam os mercados. Democracias em cacos, como se o edifício

JUAN CARLOS MONEDERO

vigente durante o último meio século finalmente tivesse explodido em mil pedaços. O modelo neoliberal, nesse período, não é igual em todos os lugares também porque as respostas dos povos não têm sido iguais entre si.

Esse desmembramento se dispersa por essas páginas: se não existir um cânone, se a política é movimento constante, chega-se ao sentido das coisas por aproximação. É preciso a ambiguidade de um poema e a contundência de uma citação, a mudança de ritmo entre um argumento e uma cena de cinema, pondo uma piada ao lado de um dado para que atuem como um “machado que quebra o mar gelado dentro de nós”. Um livro que possa se abrir em qualquer página e comunicar, com esse fragmento, o fragmento reconstruído e subversivo do mundo.

A sub-versão é bandeira própria dos tempos de mudança. Uma versão diferente da oficial que buscou o ponto de vista dos que estão abaixo. Um olhar rente ao chão capaz de dar uma volta ao que existe. Ver as coisas de outra maneira para converter-nos em subversivos. Este livro quer ser uma caixa de ferramentas que deixa os raquíticos quartos da academia e desce à rua onde a gente decente avança com sua vida. Que quer ajudar a sair do marasmo em que nos meteram e também naquele que entramos. Que entregue alguma luz para que todas e todos aqueles que suspeitam saibam que seu receio tem muito fundamento. Para trocar os golpes no peito por trincheiras de dignidade invencíveis; para aprender que a solução não está em nenhum livro que não caminha também pelas ruas, nem nas ruas que não reflexionem sobre o que fazer. Que lembre a cegueira da prática sem teoria e a inutilidade da teoria sem prática. Para que a imagem da democracia não seja um busto falante tagarelando em uma tela de plasma para consumidores de política barata. Para que não envelheça, escondido em um porão, o retrato autêntico da nossa democracia enquanto vivemos a miragem de uma eterna juventude nascida no manancial imortal da imaculada Transição.

Emancipar-se é livrar-se da tutela de quem faz as regras. De quem tira sua liberdade. Deixar de ser posse nas mãos de alguém. Então você passa a ser responsável pelo seu próprio destino. O medo da liberdade é uma das ameaças favoritas da razão humana. Se depois de você ter comprado uma roupa da coleção desta estação, de terminar um livro sobre as aflições de uma costureira ou as maquinacões de misteriosas seitas, se depois de ter visto o último jogo do século ou de ter escutado que a culpa é dos que fuçam na memória, você segue tendo a suspeita, ainda que seja remota, de que nada importante se moveu, pode ser que

CURSO URGENTE DE POLÍTICA PARA GENTE DECENTE

aqui você encontre outros caminhos. Em um curso, o mais importante são os ouvintes. Se assim não for, desculpe-me pelo tempo dedicado a esses parágrafos. Os tempos deixaram de ser amáveis. Queremos nos perguntar se não estamos perdendo coisas pelas quais muita gente deu tudo a perder. É um caminho que exige muita prudência e alguma cumplicidade.

Essas reflexões querem ter diante de si o espelho da gente decente. O que encontrou Orwell entre a gente humilde em Wigan Pier, em seu primeiro trabalho como jornalista. A gente que lhe surpreendeu com sua honestidade e o levaria a lutar mais tarde junto às Brigadas Internacionais na Guerra Civil Espanhola. Gente que o levou a enfrentar qualquer totalitarismo. A gente decente que está farta, mas que não quer ter vantagens sobre seus vizinhos, que não quer nem viver na derrota e nem triunfar à custa dos demais. A que se enche de coragem e diz “não” quando o mais fácil seria dizer “sim” ou abraçar alguma explicação tranquilizadora. A que aprende a não ter medo nem receio à política porque entende que a política somos, sobretudo, nós mesmos. A que se reflete no espelho do que nos emociona por essa generosidade que renasce cada vez que há uma desgraça. Gente que se desespera porque se sente cansada, aquela que não entende o que fizemos para merecer isso, mas não desiste, muito menos antes de ter iniciado a viagem. Gente decente que quer viver uma vida decente. E nesses tempos, outra vez sombrios, não a deixam.